

# ayelet gundar-goshen

«Uma das vozes mais importantes da literatura israelita contemporânea.»

ZEIT ONLINE



# ONDE O LOBO ESPREITA

PRIMEIRA PARTE  
CALIFÓRNIA

1.

Olho para aqueles dedinhos do bebé acabado de nascer e procuro entender como é possível que possam vir a ser os dedos de um assassino. O rapaz que morreu chama-se Jamal Jones. Na fotografia do jornal os seus olhos são negros como o veludo. O meu filho chama-se Adam Schuster. Os seus olhos são da cor do mar de Telavive. Dizem que ele o matou. Mas não é verdade.

2.

O meu nome não é Lila. Os americanos têm dificuldade em pronunciar Lilakh, por isso chamam-me Lila. Mas o meu nome não é Lila.

Com Mikhael é fácil. Chamam-lhe simplesmente Mikael. Ele nunca os corrige. É indelicado. E, ao contrário de mim, que digo sempre «Lilakh» a primeira vez e dou à pessoa que acabei de conhecer o benefício da dúvida, deixando-a transformar-me em Lila sem grandes escrúpulos — mas também sem cooperar —, Mikhael há muito começou a dizer «Mikael». O argumento dele é que em relação ao seu nome não faz diferença, é quase a mesma coisa. Mas na minha imaginação, quando o ligaram

ao polígrafo e lhe perguntaram como se chamava, quatro meses depois de Jamal ter morrido, ele respondeu Mikhael, e a agulha começou a tremer.

Quando fazemos amor, eu chamo-lhe Mikhael. Uma vez chamei-lhe Mikhael e tive a sensação de que fazia amor com outra pessoa.

Quando Adam nasceu, demos-lhe um nome neutro. Um nome que tanto funciona em hebraico como em inglês. Um nome que desliza pela garganta dos americanos como um bom vinho da Califórnia e que não lhes fica atravessado na garganta como Lilakh e Mikhael, que no momento em que os leem no passaporte, topam logo — não são daqui. Criámos um filho na América. Fechámos a nossa israelidade no armário, juntamente com as taças de futebol do liceu que Mikhael guardou — guardou-as como lembrança, não porque tenham alguma utilidade. Criámos um filho americano, que foi ao liceu com rapazes americanos, e agora dizem que ele matou um outro rapaz americano.

3.

Jamal Jones. O teu rosto é bonito, mas o teu tamanho é ameaçador. Tens os ombros largos, tão largos que até a ti próprio parecem espantar. Se calhar aconteceu de um momento para o outro, esse crescimento súbito, num verão durante o qual te transformaste, sem aviso prévio, de menino magro e baixo num rapaz enorme e encorpado. Mas o rosto não seguiu o ritmo dos outros membros, o corpo alongou-se e inchou, e os olhos continuaram olhos de menino, e os lábios também, sem a sombra do bigode, um pouco esticados para a frente, naquele trejeito meigo de criança.

À noite, na rua, tinha medo de ti. Não me detinha a espreitar os teus olhos que agora, na fotografia do jornal, me parecem generosos e simpáticos. Devia acelerar o passo e levar a mão ao bolso, para confirmar que o telemóvel estava lá. Passava para o lado iluminado da rua e esperava que a tua sombra — homem negro, espadaúdo — me ultrapassasse e desaparecesse ao virar da esquina.

E se Adam estivesse comigo, sentia-me duplamente inquieta. Não era apenas uma mulher na rua com um homem negro atrás dela, mas uma mulher com um menino pequeno, a quem era necessário proteger. E não faz diferença que tenham ambos a mesma idade. Tu és um homem, Jamal, e Adam é um menino. Magro e baixo, ombros um pouco descaídos, como uma cria que ainda não é capaz de levantar as asas, e é por isso que não consigo entender. A tua foto no jornal. O olhar generoso. Os ombros largos. Pensar que durante este tempo todo eu tive medo de ti, quando talvez tu é que deveses ter medo de mim, do que eu sou capaz de gerar dentro de mim.

Agora tenho sempre medo, Jamal. Medo de tudo. Mas na altura ainda não tinha tanto medo, só muito raramente. Lembro-me: todas as noites deixávamos os três as pantufas no chão de *parquet* e deitávamo-nos a dormir. Na cama de casal, eu lia no telemóvel as notícias do País<sup>1</sup> até Mikhael dizer «já é tarde» e carregar no botão para baixar o estore. Para lá do estore, havia o pátio, e para lá do pátio, a rua verde e tranquila, que se cruzava com uma avenida verde e tranquila, numa das cidades mais verdes, tranquilas e seguras da América.

---

<sup>1</sup> Em hebraico *Ha'Aretz*, o País, a Terra, forma como os israelitas se referem a Israel. [N. T.]

4.

Na véspera de Rosh Hashaná<sup>2</sup>, um homem com uma faca de mato entrou na sinagoga reformista de uma das cidades mais verdes, tranquilas e seguras da América. No interior da sinagoga estavam duzentos e vinte fiéis e quinze trabalhadores da sociedade de *catering*. No salão grande, onde em geral se realizavam as *bar-mitzvot*<sup>3</sup>, estavam postas as mesas para a cerimónia de Rosh Hashaná. Encostadas à parede, havia cadeiras com uma elevação especial para os bebés e as crianças, porque embora os fiéis habituais da sinagoga fossem, na sua maioria, pensionistas, às festas vinham também famílias jovens, e reuniam-se os netos e bisnetos. A oração no piso superior terminara e as pessoas tinham começado a descer as escadas. No salão do primeiro piso, os trabalhadores tinham posto toalhas brancas, em cima das quais tinham colocado pratos com maçãs e tigelas com mel de Israel.

Mais tarde, nas notícias, disseram que eles tinham tido sorte; o ataque na sinagoga de Pittsburgh fora executado por um homem com uma arma semiautomática, chegando a matar onze fiéis antes de ser detido. Aqui, em Palo Alto, foram feridos quatro e apenas uma fiel foi morta. Percebi o que eles queriam dizer nas notícias, mas sabia que do ponto de vista dos pais de Lia Weinstein não fora sorte nenhuma. A filha deles encontrava-se junto à porta de entrada, quando o rapaz entrou com o machete.

Na fotografia do jornal, ela parecia mais nova do que os seus dezanove anos. Talvez por causa da maquilhagem. Tinha um rosto redondo e olhos castanho-claros e a maquilhagem, em vez de

<sup>2</sup> Lit. «Cabeça do ano», Ano Novo judaico, que tem lugar nos dias 1 e 2 do mês de Tichri, no calendário hebraico, geralmente nos meses de setembro ou outubro. [N. T.]

<sup>3</sup> Pl. de *bar-mitzvá*. Em português, «Filho do mandamento». Cerimónia ritual que assinala o 13.º aniversário dos rapazes, o 12.º das raparigas, idade em que atingem a maioridade religiosa. [N. T.]

a fazer parecer mais velha, salientava a falta de experiência da sua mão. Nas fotos tiradas um pouco antes do atentado, vemo-la na entrada da sinagoga, com um vestido de festa branco. Está a abraçar o corpo, num gesto de quem não gosta particularmente de ser fotografada, mas sabe que é preciso, porque a família insiste. Uma rapariga bem-educada. Mas quando aquele homem correu para a sinagoga com a faca, Lia Weinstein não se comportou como uma menina. Empurrou a avó para trás e pôs-se à frente dela, e foi a última coisa que fez.

Nos dias que se seguiram ao atentado vi o vídeo várias vezes. A jovem rechonchuda de vestido branco está na entrada, ao lado do avô e da avó. Ao fundo ouvem-se os cantos do coro da sinagoga, que executa uma sequência de canções de festa. É difícil identificar o momento preciso em que o tumulto alegre das canções e das conversas se transforma numa gritaria apavorada. Ao princípio ouvem-se algumas vozes vindas do exterior, mas ainda não é possível saber, porque são gritos de raparigas, e por vezes é difícil distinguir as vozes de riso das de pânico. E, de súbito, já não há engano possível: os risos apagam-se, as pessoas procuram um abrigo. O homem com o capucho entra e todos fogem dele, empurram-se uns aos outros, salvo Lia Weinstein que, em vez de fugir, empurra a avó para trás. E talvez fosse esse movimento, diferente dos outros, que prendeu o olhar do homem que corria e que o dirigiu para ela. No filme, ele grita para ela um momento, apenas um breve momento, e depois puxa da faca e continua para dentro, para o interior da sinagoga. Quem filmou isto tudo— um dos fiéis na entrada do piso superior — documentou o agressor a avançar, e por isso é impossível ver o que realmente aconteceu a Lia nos momentos que se seguiram, embora os gritos do avô e da avó sejam perfeitamente perceptíveis, bem como os de um miúdo, que se encontrava junto deles, e que

não conhecia Lia antes, mas viu a rapariga de branco cair de repente, coberta de sangue. Até que os socorristas conseguissem entrar, Lia já perdera tanto sangue que eles nada puderam fazer.

Estávamos em casa quando chegou a informação sobre o atentado. Lembro-me do lugar exato onde cada um de nós se encontrava. Mikhael estava lá fora, junto do grelhador, com o irmão, Assi, que chegara nesse dia de Israel com Yael e os filhos para uma visita. Adam estava na piscina, atrás deles, com Tamir e Aviv. Eu e Yael estávamos na cozinha, a tentar salvar um bolo de mel que não saíra bem. Mikhael entrou de súbito, vindo do pátio, com o telemóvel na mão, e disse «houve um atentado», e quando Yael, preocupada, perguntou onde em Israel, ele fez que não com a cabeça e disse «não foi lá, foi aqui».

Seguímos as notícias durante o jantar. Depois da sobremesa, os miúdos subiram para ver algo no computador e nós ficámos sentados na sala a assistir os relatos na televisão. Mais tarde, naquela noite, quando já estávamos na cama, alguém enviou pelo *WhatsApp* o vídeo da sinagoga. Não sabia se o deveríamos ver. Disse a Mikhael que talvez fosse uma falta de respeito pelas pessoas que lá estavam. Não era um filme de ação. Eram pessoas reais e aquele foi o momento em que as suas vidas ficaram destruídas. Mas Mikhael insistiu em ver. Disse que era importante.

— Não estamos a ver por distração — disse —, mas para perceber o que lá se passou e para refletir sobre como proceder se isto voltar a acontecer. — Vimos o vídeo uma vez. E outra. Quando Mikhael pressionou de novo, eu disse:

— Basta.

Mais tarde, naquela noite, a minha mãe ligou de Israel para ouvir mais pormenores. A informação que lhe enviara assim que soubemos do atentado não lhe bastava. Voltei a garantir-lhe que estávamos todos bem e contei-lhe o que aqui se sabia.



— Disseram aqui no noticiário que ele era negro — disse ela.  
— Desde quando é que os negros atacam judeus? Foi sempre uma coisa de brancos. Justamente na véspera do dia do Ano Novo, isso quer dizer que o planeou com antecedência. — E acrescentou que enviara naquele dia pelo correio uma prenda pela festa para Adam. E que ele decerto a receberia dentro de dias.

— Viste o vídeo da sinagoga? — perguntou.

— Sim, é terrível — disse eu.

A minha mãe suspirou ao telefone.

— Mas depois não me venhas dizer que aí é mais seguro para criar filhos.

Naquela noite tive pesadelos de que não consegui lembrar-me quando acordei, mas sabia que a rapariga da sinagoga aparecia neles. De manhã, pedi a Adam que não visse o vídeo se alguém lho enviasse. Ele perguntou se Mikhael e eu o vimos. Eu disse que não.

Na manhã a seguir ao atentado, Mikhael e eu levámos Adam à escola e depois fomos juntos ao funeral. Não conhecíamos a família, nem fazíamos parte da sinagoga reformista, mas queríamos manifestar a nossa solidariedade. Quando lá chegámos, vimos outros israelitas que tinham vindo dar apoio. Alguém nos contou que Lia Weinstein terminara o liceu dois anos antes, o mesmo onde Adam andava, e que agora estudava em Boston. Os pais tinham-lhe comprado um bilhete de avião para vir a casa para as festas. No parque de estacionamento do cemitério tinham-se juntado os israelitas, a falar baixo em hebraico, e não muito longe deles estavam os judeus americanos, a falar baixo em inglês, e nos dois grupos dizia-se o mesmo: que era inconcebível que aquilo tivesse acontecido ali, em Palo Alto. Depois entraram no cemitério. Os pais de Lia Weinstein choravam amargamente. Ela era a sua filha única.

Nesse fim de tarde, fomos buscar Adam à escola e seguimos todos para a sinagoga onde aquilo acontecera, para acender uma vela e colocar uma flor no passeio fora. Havia muita gente no largo em frente da sinagoga, e algumas equipas de jornalistas. Uma repórter loura da televisão com um corte *carré* falava para a câmara com uma expressão séria. Todos a escutámos, como se àquela mulher estranha tivesse sido concedida a autoridade para falar em nosso nome e sobre o que nos acontecera.

— Paul Reed nasceu e cresceu em East Palo Alto. Quando Palo Alto foi invadida por gente da *hi-tech* que veio trabalhar em Silicon Valley, as rendas subiram também nos bairros mais pobres, e a família de Reed foi obrigada a mudar-se para Oakland. Cerca de uma hora antes de sair de casa com o machete na mala e de subir para o autocarro para Palo Alto, Reed pôs um *post* antissemita no *Facebook*. Os pais contam que nas últimas semanas o seu estado mental se degradou. No passado, estivera duas vezes hospitalizado numa instituição para doentes mentais.

— Ele não é doente mental — resmungou Assi em voz baixa —, o que ele é, é um antissemita de merda e um terrorista. Não façam dele um louco irresponsável para o libertar depois.

— Ninguém o vai soltar — disse Mikhael —, mas há que tomar em consideração que o tipo esteve hospitalizado duas vezes. É possível que tal como atacou a sinagoga, tivesse atacado uma mesquita, ou um banco, e nesse caso não seria um atentado antissemita.

Assi levantou o braço em negação.

— Se os vossos doidos aqui na América podem atacar qualquer outro sítio, porque é que acabam sempre numa sinagoga?

A repórter escutou algo que lhe diziam ao ouvido, voltou a assumir uma expressão séria e dirigiu-se à câmara:

— As testemunhas presentes na sinagoga de Palo Alto afirmam ter visto duas pessoas nas proximidades antes do atentado.

Estão a ser feitas buscas no local. O FBI ainda não concluiu se Reed agiu sozinho, ou se pertence a um grupo de ódio capaz de atacar de novo.

Esta última frase despertou murmúrios na assistência. Yael e Assi trocaram olhares. Adam disse:

— Mãe, se é um grupo de ódio, o mais lógico é que voltem cá para executar um novo atentado, porque agora a rua está cheia de judeus.

Mikhael pousou a mão no ombro dele.

— Aquela jornalista está a criar o pânico sem razão. E digo-te mais, em noventa e nove por cento dos casos, quem faz estes atentados são doentes mentais que agem sozinhos.

— Não podemos ter a certeza — disse eu, e vi nos olhos das pessoas à minha volta a mesma interrogação.

A enfiada de velas acesas separava-nos da rua. As barreiras da polícia cercavam-nos do outro lado do relvado. Atentos ao menor ruído, a olhar para todos os lados, apertámo-nos uns contra os outros no relvado, como carneiros à noite.

5.

O pânico que começou naquela noite intensificou-se nos dias seguintes. Mesmo depois de a polícia secreta federal ter declarado que Paul Reed agira sozinho, a comunidade judaica de Palo Alto não sossegou. Talvez porque naquele caso, além de medo, houvesse igualmente um sentimento de humilhação: o vídeo das câmaras de segurança externas mostrava Reed a precipitar-se pela entrada da sinagoga e pelo menos dez homens a olhar para ele sem reação, paralisados e incapazes de agir. O vídeo das câmaras

interiores mostrava os fiéis com a cabeça coberta pelo solidéu a desviarem-se para os lados, e Reed a avançar, aos gritos, um homem só a atuar segundo a sua vontade.

Talvez tivesse sido por isso que, quando um dos pais israelitas se propôs ministrar um curso de defesa pessoal aos jovens, as pessoas concordaram logo com a ideia. Einat Grinbaum falou-me do curso quando fomos buscar os filhos à escola, três dias depois do atentado.

— É o pai da menina do terceiro ciclo do ensino básico — disse ela —, tem experiência em *krav maga* e ofereceu-se para ensinar as crianças.

Quando Adam entrou no carro, falei-lhe entusiasticamente do curso. Ele disse logo que não queria ir. A resposta dele não me surpreendeu. Nunca gostara desse género de coisas. Uma mãe disse-me certa vez que o mundo se dividia em dois tipos de crianças: as que vão às aulas de karaté e as que frequentam as de xadrez. Adam frequentava as aulas de xadrez, e eu alegrava-me com isso. Mas depois de Rosh Hashaná, depois do vídeo com Lia Weinstein, lamentei que ele nunca tivesse aprendido a andar à pancada como deve ser.

— São apenas três sessões — disse eu —, e é uma aprendizagem para toda a vida.

Adam persistiu na negação durante todo o caminho para casa e pediu-me para não o maçar. Eu sabia que não valia a pena teimar, e que a melhor maneira de fazer uma criança odiar um curso era obrigá-la a ir. Mas as imagens da sinagoga perseguiam-me. A possibilidade de que pudesse ter sido Adam atormentava-me. Sabia que Mikhael tinha razão, de que não passava de agorafobia, mas apesar disso queria que ele fosse ao tal curso, tal como queria que se vacinasse contra a hepatite, não porque fosse uma doença muito comum, mas para maior segurança.

— Faz isso por mim — disse eu quando virámos para a nossa rua —, para eu ficar descansada.

— Estás mesmo a obrigar-me — disse ele —, não é *fair*.

— Pelo menos pensa nisso — implorei, e odiei-o no meu íntimo por me obrigar a implorar.

— Está bem — disse ele, quando estacionei junto à entrada da casa —, vou pensar nisso.

À noite, nós, os adultos, voltámos a sentar-nos em frente da televisão. Contra o seu hábito, Adam juntou-se a nós. A CNN mostrou os vídeos das câmaras de segurança da sinagoga. Assi olhou e disse em voz baixa:

— Como é que ninguém o deteve?

— Não é assim tão fácil deter um tipo daqueles — disse eu.

Pus na mesa uma tigela com pevides pretas que eles tinham trazido de Israel. Em todas as visitas, Assi carregava com três quilos de pevides pretas, que nos oferecia com o orgulho de um médico que traz um antibiótico para os membros de uma tribo remota.

Adam estava sentado ao meu lado no sofá e olhava alternadamente para mim e para o tio. A porta da sala de visitas do piso superior abriu-se, e Tamir e Aviv saíram a correr. Ouvi os seus passos fortes e seguros a descer a escada, sabendo que Adam nunca correria com aquela liberdade no corredor de uma casa estranha. Eles entraram na sala e sentaram-se ao lado de Adam, mergulhando nos seus telemóveis. Pensava que não estavam a prestar atenção, mas, após alguns instantes, Tamir levantou a cabeça e apontou para a televisão:

— Em Israel, isto não aconteceria.

— Mas há atentados em Israel — retorquiu Adam.

— Sim, há atentados — respondeu Tamir —, mas nunca seria possível um terrorista entrar num lugar sem ninguém sequer tentar detê-lo.

Queria dizer algo sobre o curso, mas contive-me. Mandei vir comida indiana. Pensei que ficaríamos acordados até tarde, mas às nove da noite eles já estavam esgotados por causa do *jet-lag* e anunciaram que iam dormir.

– As crianças acordam cedo – disse Assi com orgulho.

Tamir e Aviv treinavam para o estágio de seleção das unidades de elite do exército. Durante os dias que passaram em nossa casa, saíam todas as manhãs para correr, uma hora antes de todos acordarem. Adam acordava e descia em fato de treino e encontrava-os a fazer um batido de proteínas na cozinha, suados e ofegantes depois do prolongado treino. Havia desportistas na escola dele, rapazes que se precipitavam uns sobre os outros no campo de futebol, mas os desportistas do liceu não estavam ligados a ele de forma alguma. Para ele, eram criaturas distantes, como os ursos-pardos. Tamir e Aviv eram primos dele. Todas as manhãs deparava com o espelho da vida que poderia ter sido a sua. O cheiro do suor deles após o treino permanecia na cozinha mesmo depois de saírem. Quando jantavam juntos, faziam perguntas a Mikhael sobre a unidade de elite em que ele servira. As respostas comedidas que ele dava apenas os acicatava mais. Uns dias depois, Adam também começou a fazer perguntas. Nunca antes se interessara por aquilo.

Nos dias seguintes, a presença dos gémeos encheu a casa. Fortes, bronzeados, ruidosos e arrogantes, e o meu filho arrastava-se atrás deles, como um cão a tentar ganhar coragem, e eles permitiam que ele os seguisse, mas nunca lhe dirigiam a palavra ou o convidavam para as suas iniciativas. Ele venerava-os. Bebia, sequioso, cada uma das frases que saíam da boca deles, num hebraico atual que ele nem sempre entendia. Eles gostavam dele, parecia-me. Desde que chegaram a nossa casa, comportavam-se

com ele como com um velho amigo. Em vez de «Adam», chamavam-lhe «Adamama», o que nos fazia rir a todos.

Antes de eles chegarem, tive medo de que Adam fosse posto de parte. Como na visita de há dois anos, em que os gémeos estavam mergulhados no seu mundo pessoal e não paravam de segredar e de se divertirem os dois com a gíria que Adam não conhecia, pois, embora em casa falássemos apenas hebraico, a língua que falávamos envelhecera sem que déssemos conta. Tamir e Aviv falavam como os rapazes israelitas de dezasseis anos, e o meu filho falava como os pais de quarenta, e por isso – mas não só – Adam errava como um estranho na sua própria sala. Este ano procurei preparar-me com antecedência: outra família vai viver na nossa casa durante quinze dias. Vão abrir o frigorífico e ver o que temos, entrar na nossa casa de banho, lavar a cabeça com o nosso champô até ficarmos todos a cheirar ao mesmo. Vão perceber as pequenas tensões existentes no seio do nosso trio, e nós notaremos também as suas fraturas. Os conflitos entre os membros do casal serão sussurrados. E os conflitos entre pais e filhos serão em voz alta. Não haverá outros conflitos. Eis como me preparei para todos os cenários exceto o mais estranho – um atentado que uniria as nossas famílias, porque apesar de não nos ter acontecido nada – visto que estávamos em casa –, aconteceu-nos algo em conjunto.

– Penso que podemos sugerir-lhe novamente o tal curso – disse-me Mikhael uns dias depois, após Adam ter passado algumas noites com Tamir e Aviv. Eu queria que Adam aprendesse autodefesa, mas parecia-me que os meus motivos eram diferentes dos de Mikhael. Quando nos metemos na cama, ele disse:

– Talvez ele agora aceite finalmente ter alguma atividade desportiva. Pode ser saudável para ele, quer física quer socialmente.

Encolhi-me. Era a primeira vez que Mikhael falava assim de Adam, como se houvesse nele algo de errado que havia que corrigir. Sabia que era apenas por causa de Tamir e de Aviv. O seu andar aprumado, que não era nada aprumado, porque ambos deixavam cair os ombros quase propositadamente e arrastavam os pés. Mas justamente naquela obstinação do corpo em manter um determinado desleixo confortável havia um certo aprumo interior. Mikhael devia ter notado isso nos filhos de Assi, era impossível que não tivesse reparado. Há trinta anos, ele e Assi urinavam juntos na relva do *kibutz* e estavam sempre a ver quem urinava mais longe. Durante mais tempo. Quem conseguia atingir as ervas. E tal como antes comparavam a pila, comparavam agora os filhos de ambos. E Mikhael, o equilibrado, forte e inteligente — Mikhael perdia.

6.

Nunca soube dizer quando se ergueu aquele muro — Mikhael e eu num lado, Assi e Yael no outro —, mas era óbvio para mim que o muro era feito de dinheiro. Nalguma etapa ao longo do percurso, o meu dinheiro e de Mikhael tornou-se algo de que não se falava. E a partir do momento em que não se fala de uma coisa, percebemos que é importante. Quando chegámos à América, antes de Mikhael progredir na empresa, falávamos livremente de dinheiro com Assi e Yael — eu queixava-me a eles do custo louco dos jardins de infância nos Estados Unidos, e eles vociferavam contra os juros que os bancos em Israel cobravam sobre os empréstimos. Mas à medida que as disparidades se aprofundavam, o assunto foi abandonado.



O pior foi quando Assi propôs a Mikhael a ideia de uma *start-up*. Falava com grande entusiasmo, a olhar para os lados, como se a qualquer momento alguém lhe pudesse roubar a sua invenção genial. Mikhael escutava. Fazia uma ou duas perguntas. Penso que o fazia por delicadeza, mas, para Assi, as perguntas de Mikhael eram o combustível que ateava a sua esperança — incendiava-se logo, agitava os braços enquanto falava, preparava a apresentação que fariam ambos aos investidores. Antes isto acontecia a cada visita deles, mas desde o empréstimo acontecia cada vez menos.

A visita anual passou depressa. De manhã preparávamos as *shakshukas*, o prato marroquino de ovos com tomate. Ao fim da tarde íamos buscar Adam à escola — Tamir e Aviv estavam pasmados com a seriedade com que os estudos eram levados aqui — e íamos comer aos melhores restaurantes da cidade. Sempre que vinha a conta, Mikhael apressava-se a tirar o cartão, dizendo «Sou eu». A intenção era boa, mas parecia-me que aquele gesto era prejudicial. O empréstimo que Mikhael fizera a Assi há três anos pairava entre nós, não se falava dele. Cinquenta mil dólares para iniciar o projeto dele «que-não-podia-deixar-de-ter-sucesso». Quando tudo foi por água abaixo, Assi devolveu o que ainda era possível. Queria devolver mais, mas Mikhael disse, «Chega, não é preciso». Naquele momento pensei que Assi ficaria eternamente grato a Mikhael por isso. Mas, aparentemente, também o odiaria eternamente por isso.

Mesmo depois do empréstimo e da falência, as férias em conjunto continuaram nas datas habituais — as férias do Ano Novo judaico em nossa casa, Pessach em casa deles. As férias atuais não deviam ser diferentes das outras, mas o atentado na véspera de Rosh Hashaná, embora não diretamente ligado a nós, refletiu-se em tudo. Assi não parava de falar do ataque. À menor

ocasião dizia que era apenas o princípio, e que o antissemitismo na América estava a levantar a cabeça. A incorporação de Tamir e de Aviv no fim do ano era tema de todas as conversas. O número de abdominais que faziam, os quilómetros que corriam. No sábado, quando eles estavam a fazer as malas para o voo de regresso a Israel, enfiando os montes de coisas que tinham comprado, fiquei surpreendida ao descobrir o tremendo alívio que senti.

No dia seguinte, acordei Adam cedo para o primeiro encontro do curso. Ele dormia profundamente e não queria levantar-se. Mikhael levou-o de carro ao recinto, a bocejar, zangado, e eu fui buscá-lo duas horas depois ao parque de estacionamento. Enquanto o esperava, receei que entrasse no carro declarando que uma vez lhe bastava, mas quando ele abriu a porta estava surpreendentemente cheio de vitalidade. O rapaz ensonado que entrara no curso de manhã saiu dele com um sonho estimulante — se um terrorista entrasse na sinagoga, seria ele quem o deteria.

Para o segundo encontro, já não precisei de acordar Adam. Ele organizou-se sozinho. Quando o fui buscar, vi que os jovens saíam juntos da sala, a tagarelar num inglês vivo, caminhando lado a lado no parque de estacionamento. Talvez tivesse então percebido que nunca vira o meu filho a andar em grupo. Tivera amigos ao longo dos anos. Não muitos, mas tivera. Rapazes sossegados, bem-educados. Sempre soube que não era aquela a juventude que ele desejava para si, via quão diferente era das outras, das que nos fitavam dos ecrãs televisivos. Mas não me preocupava. Os tempos do liceu talvez nos pareçam longos como a eternidade quando os vivemos, mas na realidade são muito curtos. E depois temos a vida toda pela frente. Só depois de tudo se complicar, percebi quanto me enganara. Como é que não percebi quão importante era para ele andar assim na rua, num bando ruidoso, em que cada um retira força da presença dos outros a seu lado.

A diferença residia no monitor. Não deixava os rapazes criarem a divisão natural, não expressa, de um grupo central rodeado por refugos e refugiados. Logo no primeiro encontro disse-lhes que não lhe interessavam os aceites ou não aceites, populares ou não populares. Se alguém tentasse atacá-los, eles eram a única esperança uns dos outros. Tinham de estar unidos, porque no dia seguinte podia aparecer outro pulha como Paul Reed e a única forma de o deter era a colaboração. Adam contou-me aquilo com os olhos a brilhar. Aquilo soou-me um pouco pomposo, como o discurso de um comandante num curso de oficiais, mas guardei o cinismo para mim. Para Adam e os outros jovens, aquele curso era o que podia separá-los de outro massacre na sinagoga. E entregaram-se a ele com toda a alma. Quando os três encontros terminaram, pediram mais.

— Ainda têm mais exercícios para vos ensinar? — perguntei eu.

— Claro que sim — disse Adam. — Além da autodefesa, há ainda *krav maga*, o ataque e a orientação.

Se não fosse o atentado na sinagoga, talvez tivesse franzido o sobrolho, dizendo que aquele curso começava a parecer-me um treino para a brigada Guivati. Mas o medo ainda me latejava debaixo da pele. E tranquilizava-me saber que Adam continuava no curso. Alegrava-me vê-lo juntar-se aos outros jovens. Agradava-me que o monitor os instrísse em hebraico. Quando ele me informou de que precisávamos de lhe comprar uma bússola para o encontro seguinte, sorri interiormente e apressei-me a encomendar-lhe uma. Era bom vê-lo desabrochar finalmente, como parte de algo maior. Receara que depois de uma ou duas vezes ele desistisse do curso e voltasse a fechar-se. Preocupara-me que a preguiça de um rapaz de dezasseis anos levasse o meu filho a ficar em casa, grudado ao computador, sobretudo porque

o caminho para o recinto levava vinte minutos de bicicleta. E fiquei agradavelmente surpreendida quando ele persistiu, apesar da distância. Antes passava as tardes sozinho no laboratório químico para jovens que montara na garagem da nossa casa. Agora, mal lá entrava. Voltava para casa suado de pedalar, as faces coradas e os olhos brilhantes. E eu sabia que não era apenas por causa da bicicleta que o corpo dele estava assim, que era outra coisa.

Foi só depois de Jamal Jones morrer que descobri que eles eram um grupo relativamente grande. Dez jovens. Encontravam-se todos os domingos à tarde. Orientavam-se, escondiam-se, atacavam e neutralizavam sob o sol escaldante da Califórnia, voltavam a casa para comer o *schnitzel* ao jantar e para se prepararem para o teste de matemática. Num domingo chuvoso, ele voltou para casa com a roupa toda encharcada.

— Devias ter ligado. Eu ia buscar-te.

Ele escutou-me e riu.

— Fizemos o treino todo à chuva, o Uri disse que na guerra não há guarda-chuvas.

Só então reparei pela primeira vez naquele nome — Uri — e na forma como Adam o pronunciou. Com um respeito profundo, quase com veneração, como se a enunciação daquele nome fosse um grande privilégio que lhe coubera em sorte.

— Podias ter-te constipado — disse eu, mas ele jurou-me que não tinha frio. E, mesmo em casa, não se apressou a despir a roupa molhada. O orgulho aquecia-o.

Nas semanas seguintes ouvimos falar cada vez mais frequentemente de Uri. Assinalava cada frase de Adam. Dizem que Uri fez parte do Estado-Maior. Os rapazes do curso dizem que depois de sair do *Tsahal*<sup>4</sup>, Uri esteve no Mossad. Ele não fala nisso nem responde a perguntas. Eu conhecia aquela modéstia dos que

<sup>4</sup> Iniciais de *Tsavá Haganá le'Israel*, Exército de Defesa de Israel. [N. T.]

tinham pertencido às unidades de elite, a forma calma com que se moviam no mundo, com o orgulho da humildade. E, de facto, quanto menos informação Uri dava aos jovens, mais eles eram atraídos para ele.

— Se calhar o Uri ainda pertence ao Mossad — disse-nos Adam uma noite.

Neste ponto, Mikhael interferiu. Estava a fazer sumo de laranja para todos, enquanto eu preparava as panquecas e Adam punha a mesa. Adam disse que talvez a estada de Uri nos Estados Unidos fizesse parte da sua missão secreta, e Mikhael reagiu subitamente com o seu meio-sorriso irónico:

— Achas que ele está a recrutar a futura geração de agentes do Mossad? — Adam ficou calado. Mikhael cortou as laranjas ao meio com a faca e continuou no mesmo tom divertido: — Se calhar, a ideia do curso não passa de fachada. Talvez no próximo encontro vos envie para Muir Woods para raptarem um dirigente do Hamas que viajou para São Francisco.

Esperei que Adam risse, ou que respondesse a Mikhael com uma das suas réplicas sarcásticas. Não estávamos minimamente preparados para o silêncio ofendido e firme com que passámos o resto da refeição.

Só mais tarde, quando as conversas das pessoas na televisão ofuscaram o silêncio zangado de Adam, e Chandler e Joey nos conduziram pela mão ao sono, nos cobriram com a manta e nos deram o beijo de boa-noite, só então Mikhael disse numa voz ensonada:

— Parece-me que o conheço.

— Quem?

— Esse tal Uri. Parece-me que estava três classes abaixo da minha.

— E como era ele?

Ficou calado. Pensei que adormecera.

– Brillhante. Dizia-se que viria a ser Chefe das Forças Armadas de Israel.

Virei-me para ele.

– Pois então, olha no que se tornou, instrutor de *krav maga* em Silicon Valley.

Mikhael pousou a mão pesada e quente na minha coxa.

– Queres dizer: agente do Mossad na Califórnia.

No silêncio do quarto, ouvi o sorriso na sua voz, e fez-me sorrir também. E com esse sorriso, adormeci.

7.

Pareceu-me reconhecê-la junto da bancada da fruta, mas não estava certa. Tinha o rosto virado para baixo, para os morangos, e agarrava o carrinho de compras, que estava meio cheio. Só quando olhou para cima, tive a certeza. Os olhos estavam muito vermelhos e as pupilas dilatadas, do tamanho de amoras. A mãe de Lia reparou no meu olhar. Virei-me rapidamente. Conduzia o meu carrinho para o corredor dos lacticínios, quando a ouvi atrás de mim.

– Desculpe – disse numa voz fina –, posso pedir a sua ajuda?

Virei-me para ela e disse:

– Claro.

Não sabia se devia dizer-lhe que sabia quem ela era. Que estivera no funeral. E que sentia muito.

– Estou um pouco atordoada. Pode ajudar-me a chegar aos bancos lá fora?

Só então reparei na forma como os seus dedos agarravam o varão do carrinho. Não circulava entre as bancadas da fruta,

agarrava o carrinho para não cair. Larguei o meu carrinho e corri para ela.

— Venha comigo.

Ela hesitou, como se, mesmo depois de ter decidido pedir a minha ajuda, não tivesse a certeza de precisar dela, de que uma estranha no supermercado a ajudasse a andar. Mas logo a seguir rendeu-se e estendeu-me o braço, e a sua mão fria pousou na minha, estendida.

— Tomei um comprimido — disse-me, enquanto andávamos entre as prateleiras, avançando lentamente em direção às portas de vidro. — Pensei que me faria dormir apenas algumas horas, mas parece-me que ainda estou um pouco atordoada. — As suas pupilas estavam muito dilatadas. Parecia não reparar que se encostava a mim enquanto andava. — O caso é que eu tenho de fazer um bolo. Esta noite vem a nossa casa uma jornalista. Queria fazer-lhe o bolo que a minha filha pedia sempre que voltava a casa do College.

— Que bolo?

— Tarte de mirtilo. Eu não sou uma grande cozinheira, mas esse bolo sai-me muito bem.

As portas de vidro abriram-se. Ajudei a mãe de Lia a sentar-se num banco. Voltei rapidamente ao supermercado para pedir um copo de água.

— Acho que a senhora não deve ir a conduzir para casa.

Ela bebeu a água com pequenos goles.

— Às vezes, quando vou a conduzir o carro, só quero ter um acidente. A minha filha morreu há cinquenta e um dias.

— Eu sei — disse —, estive no funeral. Nós somos de Israel.

Ela virou-se para olhar para mim.

— É muito simpático da vossa parte. Os israelitas quase não vêm à nossa sinagoga, é bonito que tenham vindo ao funeral.

Apertou a minha mão na sua, ainda fria, e bebeu um pouco mais de água.

— Não é que pense que a voltarei a ver se morrer num acidente, não sou daquelas pessoas afortunadas que acreditam no paraíso. Espero apenas que então deixe de doer.

Não sabia o que responder àquilo. Entrei novamente no supermercado e trouxe outro copo de água. A mãe de Lia segurou o copo, mas não bebeu.

— Quer que eu a conduza a casa?

— O nosso rabino disse que era bom que eu e o Peete começássemos a sair um pouco de casa. Conte-lhe que estou sempre a cheirar a roupa de Lia. Entro no quarto dela, abro o armário e cheiro a roupa.

Perguntei-me se não deveria ligar a Peete para ele vir buscá-la. Não sabia que comprimido tomara a mãe de Lia, mas ela não parecia de todo alguém em estado de fazer um bolo naquele dia.

— Talvez queira ligar ao seu marido?

— Porque não.

Mas não se mexeu. A mala estava pendurada no seu ombro, mas ela não estendeu a mão para ela.

— O cheiro dela está a dissipar-se.

Uma mulher de cabelos vermelhos que ia a entrar no supermercado olhou para nós com interesse. Não sabia se era uma conhecida da mãe de Lia, ou apenas a reconhecia das notícias. Esperava que fossem amigas e que viesse sentar-se connosco no banco, para eu poder fugir dali. Mas a mulher de cabelos vermelhos entrou no supermercado, e outras pessoas, algumas das quais olharam para nós, não pararam. A mãe de Lia tirou o telemóvel da mala e ligou ao marido, que disse que viria imediatamente. Tive a impressão de que a conversa com ele a encorajou



um pouco. Perguntou-me o meu nome e o do meu marido, quis saber desde quando estávamos na América.

— E tem filhos?

— Sim — respondi —, um. — Esperei que me perguntasse o nome dele, mas ela não perguntou. Falámos durante mais uns minutos. Ela parecia estar melhor. Um *jeep* azul metálico virou para o parque de estacionamento, ela levantou-se e disse:

— É o Peete. — E acrescentou: — Não tenho palavras para lhe agradecer. — E disse ainda: — Sabe, por vezes dói tanto que penso que era preferível ela não ter nascido.

Adam estava sentado na sala quando entrei. Perguntou porque é que demorei tanto tempo. Não lhe contei o encontro com a mãe de Lia, mas à noite contei a Mikhael, que suspirou e disse «pobre mulher».

— Espero que eles tenham adiado o encontro com a jornalista. Não penso que ela estivesse em condições de ser entrevistada — disse eu.

Mas Susan e Peter Weinstein não adiaram a visita da jornalista loura com o corte *carré*. Não queriam que a filha fosse esquecida. A rapidez com que o rosto de Lia desapareceu do ecrã não lhes pareceu aceitável. Tinham tantas coisas a dizer sobre ela. Era tão inteligente. E meiga. Salvava a avó. Pensavam que a repórter quisesse ouvi-las, mas esta afinal queria falar sobre Paul Reed. Estava mais interessada no assassino do que na vítima. E provavelmente o que mais magoou Susan Weinstein foi que, para a jornalista, Paul Reed era igualmente uma espécie de vítima. Fora escorraçado do bairro onde crescera em East Palo Alto. Aos sete anos vira gente branca comprar por tuta-e-meia a casa onde nascera e arrendá-la a outras pessoas por preços muito superiores. Em Oakland, o miúdo ficou exposto aos traficantes de droga que o arrastaram para o fundo, e quando a mistura de

drogas e de maus genes levaram ao aparecimento da doença mental, Reed não recebeu o tratamento que poderia ter equilibrado o seu estado, porque este era muito caro. Quando a repórter falou sobre estas coisas com os pais de Lia, Susan Weinstein explodiu:

— Eu não tenho culpa que os negros prefiram pedrar-se enquanto os outros trabalham no duro. Os judeus trabalharam a fim de progredir neste país. A nossa casa em Palo Alto foi comprada a pronto. Nós não somos de todo racistas. O meu pai marchou ao lado de Martin Luther King, e eu estou certa de que Martin Luther King se envergonharia de ouvir que um negro invadiu uma sinagoga com uma faca-de-mato, como uma fera na selva.

A entrevista apareceu nas notícias. A frase da «selva» foi amplamente citada. Duas organizações exigiram que Susan Weinstein se retratasse pela afirmação racista. Mikhael e eu assistimos, sentados na sala, à mãe de Lia a falar para a câmara, com a testa suada e as pupilas dilatadas.

Nas semanas seguintes, quando eu ia ao supermercado, ficava tensa na eventualidade de ela aparecer. Mas não voltei a vê-la. Ouvi dizer que deixara de sair de casa.

8.

Quanto tempo dormimos? Quando tempo andámos, trabalhámos, falámos mergulhados numa sonolência profunda? O terror que o atentado despertou dissolveu-se e foi absorvido pela vida de todos os dias. Paul Reed e Lia Weinstein ainda eram recordados na televisão, com a foto dele ao lado da dela, mas continuaram a acontecer coisas horríveis — uma criança desapareceu

durante as férias na Florida, um polícia disparou sobre um negro que fazia uma corrida no Wisconsin — e estes casos foram relegando aos poucos o atentado na sinagoga, até que chegou o dia em que deixou de ser mencionado. A recordação da véspera de Rosh Hashaná ia-se tornando mais distante.

Todas as manhãs, eu levava Adam à escola e trazia-o de volta de carro. Dantes, costumava perguntar-lhe à noite como corraera o dia e chocava com a barreira de um encolher de ombros. Mas a maternidade é um salto comprido por cima do muro. Em vez de perguntar diretamente, fazia perguntas indiretas — o que é que aprendeste, com quem falaste, o que é que foi fixe, o que te aborreceu — perguntas que encontrara no fórum dos pais, perguntas formuladas por psicólogas bem arranjadas, cujas fotos apareciam no canto esquerdo do ecrã ao lado do número de telefone. Como no controlo meticuloso no aeroporto Ben-Gurion, quando nos pedem para verificar se dentro da nossa carteira aparentemente inocente se esconde uma bomba, assim examinava eu o rosto dele todas as noites, à procura de um sinal. Estás bem, filho? O que é que se passou contigo durante as longas horas em que estivemos separados? Alguém se riu de ti? Alguém te magoou? Tentava ler tudo isto no rosto dele, procurando uma resposta para todas aquelas perguntas, mas nem uma só vez perguntei — e tu filho, riste de alguém? Magoaste alguém?

A certa altura, até estas perguntas cessaram. Continuei a levá-lo à escola de manhã e a trazê-lo de volta à tarde, mas já não procurava perceber o que se passara entretanto. Havia nisso um certo alívio. Não estar sempre a lutar com aquela estranheza. Deixá-la crescer. Quando deixei de estar sempre a procurar saber, descobrir, entender, investigar, pude simplesmente gozar os momentos que passávamos juntos no carro. Encostar-me para trás no banco do condutor e ouvir música — ele decidia o

que ouvíamos na viagem de ida, e eu o que ouvíamos na volta —, ficar chocada com os palavrões do *hip-hop*, não porque me chocassem realmente, mas para o deixar gozar a vitória do jovem sobre a sua mãe antiquada. No regresso a casa, ouvíamos os Beatles. Pink Floyd. David Bowie. Pensei muito nas músicas que poria — as que lhe diriam alguma coisa, as que poderia gostar. Tudo o que queria dizer-lhe dizia através daquelas canções. E ele escutava, mesmo que nem sempre entendesse. Uma vez, na ida para a escola, depois de ter presenciado uma discussão entre mim e Mikhael, introduziu entre duas músicas *hip-hop* a «Life on Mars», e David Bowie cantou no carro, e eu soube que ele a pusera para mim, para me alegrar, e escondi a minha emoção atrás dos óculos de sol.

E assim era — *hip-hop* à ida, Beatles na volta, e no meio o vazio. Ele na escola. Eu em casa. Mikhael no trabalho. Três rios que não se encontravam até à noite, quando regressavam e se juntavam num mar para um jantar que ora era ruidoso, ora silencioso, e que sempre, sempre decorria num profundo adormecimento. Um adormecimento do qual despertámos subitamente numa quinta-feira às onze da noite, quando Adam ligou a Mikhael e disse numa voz trémula:

— Pai, podes vir buscar-me? Alguém morreu aqui.

9.

Quando ele telefonou, estávamos a ver um episódio de *Os Simpsons*. Não era um episódio particularmente bom, mas nenhum de nós sugerira mudar. Já tínhamos passado tantas horas com Marge e Homer que eles pareciam mais um casal de amigos do

nosso círculo social, e não se expulsa da nossa sala um casal de amigos só porque por acaso naquela noite são menos divertidos ou interessantes do que habitualmente. E havia outra razão ainda — por detrás das conversas de Marge e Homer espreitavam-nos um silêncio grande e negro, como uma pantera a olhar para nós na escuridão. Não tínhamos trocado uma palavra desde que Adam saíra de casa duas horas antes e fechara a porta, zangado (não batera com a porta. O meu filho nunca batia com a porta. Tinha uma espécie de gesto irado, que travava instantes antes que a porta batesse, e que produzia um som alto, mas refreado, uma revolta em pequena escala).

Ele não queria ir àquela festa. Mikhael insistiu com ele. Queria que Adam passasse mais tempo com miúdos da idade dele. Desde que iniciara o curso, as suas relações sociais melhoraram, mas a maior parte dos miúdos eram mais novos do que ele, e aparentemente para Mikhael isso não era suficiente. Quando ouviu falar da festa, aliciou Adam para que fosse. Ofereceu-lhe incentivos como os que dava aos seus funcionários na empresa.

— Eu sei que não estás muito a fim de ir, então decidimos que hoje fazes isso e amanhã fazemos uma coisa realmente fixe, talvez uma ida a Bear Valley?

Eu não gostava daquela maneira de Mikhael levar as pessoas a fazer o que ele queria. O seu método dos incentivos parecia-me algo que se faz com as focas, não com as pessoas. Mas Mikhael insistia, dizia que toda a economia americana funcionava assim, e que não havia razão para que não funcionasse com o seu filho introvertido.

Foi por acaso que eu soube da festa. Fui fazer compras ao supermercado e encontrei a mãe de Ashley. Ela perguntou-me se nós queríamos levar os miúdos à festa e eles iam lá buscá-los.

Longe da sua terra natal há quase duas décadas, Lilakh Schuster reconstruiu a sua vida em São Francisco, com o marido, Mikhael, e o filho, Adam. Vivem o sonho americano, alicerçado na segurança e na liberdade que Israel nunca lhes conseguiu oferecer. Porém, essa sensação de segurança vai dando lugar à suspeita e ao terror quando um colega de liceu de Adam aparece morto numa festa em circunstâncias pouco claras. Um acontecimento que abala toda a comunidade e sobretudo Lilakh, para quem o seu filho, acusado de ódio racial e alvo de uma investigação policial, se tornou um desconhecido.

Exímia em avolumar densidade emocional e psicológica num enredo de *suspense*, Ayelet Gundar-Goshen regressa com um romance repleto de tensão construído à volta do medo — o medo do futuro e do outro, mas também daqueles que nos são mais próximos e que se podem tornar num estranho, num lobo à espreita.

«Ayelet Gundar-Goshen desce habilmente  
até aos abismos emocionais.»

*THE NEW YORK TIMES*




«[Ayelet Gundar-Goshen] recorre ao *thriller* para desenvolver  
temáticas políticas e morais de relevo, segredos, mentiras e raça...

Estamos perante um novo género literário: o *noir* israelita.»

*THE SUNDAY TIMES*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt  
  penguinlivros

ISBN 9789896239060



9 789896 239060 >